

# III Simpósio da Equidade Racial

Raízes que educam,  
vozes que transformam!



Realização: SEME, Escolas Municipais e EEEFM Jerônimo Monteiro



JERÔNIMO MONTEIRO

EDUCAÇÃO



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO



## SABERES QUE CURAM: A POTÊNCIA DOS SABERES TRADICIONAIS NA SAÚDE

Ana Vitória Oliveira Machado<sup>1</sup>

**Filiação:** Universidade Federal do Espírito Santo, Alegre, Espírito Santo, Brasil;  
Email: anavitoria.pharma@gmail.com

### RESUMO

A construção do conhecimento científico na área da saúde, especialmente na farmácia, historicamente negligenciou os saberes tradicionais oriundos de comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas. Este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre a importância de reconhecer e integrar essas epistemologias plurais, como forma de promover equidade racial e justiça social no campo farmacêutico. A valorização dos saberes tradicionais é essencial para uma farmácia mais inclusiva, plural e comprometida com os direitos das populações historicamente marginalizadas. O objetivo é evidenciar o apagamento desses saberes nos currículos acadêmicos e nas políticas públicas de saúde, discutir sua relevância como estratégia de resistência e transformação social, e contribuir para a construção de práticas farmacêuticas que respeitem a diversidade epistêmica. A metodologia adotada é qualitativa, fundamentada em bibliografias e análise crítica de experiências pessoais e familiares. Os saberes tradicionais, como o uso de plantas medicinais e práticas de cuidado transmitidas oralmente, representam formas legítimas de conhecimento que resistem ao tempo e à exclusão institucional. A farmácia, enquanto campo técnico-científico, precisa abrir espaço para o diálogo intercultural e para a valorização dessas práticas, reconhecendo sua eficácia, ancestralidade e vínculo com o território. A resistência das instituições em legitimar esses saberes revela um racismo epistêmico que precisa ser enfrentado com políticas públicas sensíveis à diversidade. A valorização dos saberes tradicionais é um passo fundamental para a construção de uma farmácia antirracista e comprometida com a equidade. Reconhecer a pluralidade epistêmica é reconhecer também os sujeitos que produzem esses saberes, suas histórias e suas lutas. Este trabalho reforça a urgência de transformar os espaços acadêmicos e profissionais em ambientes mais democráticos, diversos e justos.

**Palavras-chave:** Conhecimentos ancestrais. Equidade racial. Farmácia. Plantas medicinais. Diversidade epistêmica.